

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL
São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia
Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/index>

V. 2, n. 1, jan./jun., 2024, p. 84-100.

MARIA NOS EVANGELHOS SINÓTICOS: BOA NOTÍCIA PARA O NOSSO TEMPO

MARY IN THE SYNOPTIC GOSPELS: GOOD NEWS FOR OUR TIME

*Celso Loraschi**

RESUMO: Os relatos dos evangelhos possuem como foco o testemunho de fé das comunidades que viveram e aprenderam com Jesus de Nazaré a acolher o Reino de Deus. Muitas pessoas foram tocadas por seus ensinamentos. Outras pessoas se dedicaram a anunciar os seus feitos e propagaram as suas maravilhas. Mas uma pessoa acompanhou seus primeiros passos e participou de suas últimas atividades, foi Maria de Nazaré. Os evangelhos sinóticos nos ajudam a compreender a centralidade de Jesus Cristo para a fé da comunidade primitiva e para as comunidades de nosso tempo. O testemunho de Maria nos ajuda a compreender o que Jesus quer ensinar para nós e como podemos responder com generosidade ao seu convite para segui-lo. A pesquisa se dedica a elucidar o testemunho de fé de Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, para dar sinal de esperança para as comunidades eclesiais de nossos dias.

Palavras-chave: Maria; Evangelhos Sinóticos; Jesus; Comunidades; Palavra de Deus.

ABSTRACT: *The Gospel accounts focus on the testimony of faith of the communities that lived and learned from Jesus of Nazareth to welcome the Kingdom of God. Many people were touched by his teachings. Others dedicated themselves to proclaiming his deeds and spreading his wonders. But one person followed his first steps and participated in his last activities: Mary of Nazareth. The Synoptic Gospels help us understand the centrality of Jesus Christ to the faith of the early community and to the communities of our time. Mary's testimony helps us understand what Jesus wants to teach us and how we can respond generously to his invitation to follow him. The research is dedicated to elucidating the testimony of faith of Mary of Nazareth, the mother of Jesus, to give a sign of hope to the ecclesial communities of our days.*

Keywords: *Mary; Synoptic Gospels; Jesus; Communities; Word of God.*

*[Possui graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pelotas (1992), graduação em Ciências Sociais pela Fundação das Escolas Unidas do Planalto Catarinense (1974) e mestrado em Teologia Dogmática Concentração Estudos Bíblicos pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção (2001). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Bíblica, atuando principalmente nos seguintes temas: História de Israel, Movimento de Jesus, Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos. E-mail: qtzloraschi@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Seguir os passos de Jesus Cristo é, certamente, o desejo que brota do coração de cada pessoa que assume a fé cristã. Um dos caminhos seguros para este seguimento pode ser contemplado na própria vida da mãe de Jesus. Muito já se escreveu sobre ela, tendo por base os textos que se encontram nos Evangelhos. Eles refletem a memória cultivada pelas comunidades cristãs primitivas.

Os momentos resgatados referentes à vida de Maria não são numerosos. No entanto, são suficientes para apresentar o modo de ser e de agir de um ser humano comum totalmente disponível à vontade soberana de Deus. Portanto, ler e meditar estes textos constitui-se num meio privilegiado de adquirir a sabedoria que transforma o cotidiano da vida em Boa Notícia. Necessitamos de modelos confiáveis como inspiração para o jeito certo de viver, tendo em vista a plena realização pessoal e a contribuição que podemos dar para um mundo segundo os desígnios de Deus.

Recordemos, então, o que dizem os Evangelhos Sinóticos - de Marcos, de Mateus e de Lucas - sobre Maria de Nazaré, o modelo por excelência de discipulado de Jesus.

1. MARIA NO EVANGELHO DE MARCOS

Marcos é o mais antigo dos Evangelhos. Foi escrito por volta do ano 70, provavelmente junto à comunidade de Roma. O principal objetivo deste Evangelho é apresentar a verdadeira identidade de Jesus e orientar as comunidades cristãs sobre o autêntico modo de segui-lo¹. Apenas em dois momentos aparece a figura de Maria: 3,31-35 e 6,1-5.

1.1 “QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?” (3,31-35)

Em Mc 3,20-21 encontra-se a informação de que “Jesus foi para casa. E de novo a multidão se aglomerou, de modo que eles não conseguiam nem comer. Quando souberam disso, os parentes de Jesus foram detê-lo, porque diziam: ‘Ele ficou louco’. A casa de Jesus, nesta ocasião, localizava-se em Cafarnaum. Para lá se deslocaram os doutores da Lei, provindos de Jerusalém, e o acusaram de ser “possuído por Beelzebu”, blasfemando assim contra o Espírito

¹ “Esta é a grande preocupação do evangelista: levar a comunidade a compreender o sentido profundo do messianismo de Jesus e de sua filiação divina... O caminho que Jesus trilhou, da Galileia até Jerusalém, é aqui apresentado para ser assumido e seguido por quem queira ser discípulo seu”. NOVA BÍBLIA PASTORAL, São Paulo, Paulus, 2014, p. 1224 (introdução).

Santo (3,22-30)². As diversas situações de conflito em que Jesus se encontrava, somadas às suas atividades em favor do povo necessitado, a ponto de não conseguir nem comer, causou preocupação aos membros de sua família. Dirigiram-se, então, até onde Jesus se encontrava, no intuito de resgatá-lo ou, pelo menos, de adverti-lo a respeito das consequências que poderiam advir deste estilo doido de vida.

Chegaram então a mãe, os irmãos e as irmãs de Jesus (3,31-35). Ao ser informado que sua família o esperava fora da casa, Jesus “olha em volta e dirige-se aos que estavam sentados ao seu redor, dizendo: ‘Eis minha mãe e meus irmãos, pois quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe’” (3,34-35). Assim Jesus indica um novo jeito de relacionar-se como membros de uma família além dos laços de sangue.

Jesus rompe com qualquer conceito de família conhecido na época, e ainda hoje. Esta ruptura, porém, não objetiva primariamente excluir ou negar a pertença de Jesus à família de sua mãe, irmãs e irmãos! O objetivo é criar uma *heterotopia*, um espaço outro, um contra-espaço, no qual se possa construir relações qualitativamente novas dentro de um espaço geopolítico-religioso marcadamente patriarcal de injustiças e opressões³.

Euclides Balancin, ao refletir sobre este texto de Marcos, afirma que “enquanto a família segundo a carne está *fora*, a família segundo o compromisso na fé está *dentro*, ao redor de Jesus. A multidão marginalizada entendeu o que significa a prática de Jesus, que é alegria para eles e não sinal de loucura ou perigo”⁴.

Este episódio é relatado também nos Evangelhos de Mateus (12,46-50) e de Lucas (8,19-21). Nenhum destes textos cita uma palavra sequer que tenha sido pronunciada por Maria. No entanto, segundo o que se pode depreender do conjunto dos textos evangélicos que a ela se referem, é seu testemunho de fé e vida que falam convincentemente. Não há dúvidas de que os ensinamentos de Jesus sobre a nova família, fundamentada na vontade de Deus, tem a inspiração daquela que o gerou e o educou na fidelidade ao que Deus lhe pediu. No Evangelho de Lucas a “vontade de Deus” corresponde a “ouvir e guardar a sua Palavra” (8,21). Assim fez Maria ao longo de sua vida.

Para Lucas, não é a procriação, mas o compromisso com a Palavra que coloca a base da pertença ao povo de Deus, e, portanto, também sua bem-aventurança. Isto vale tanto para mulheres como para homens. Para Lucas, o

² “Quem se coloca na contramão do projeto de Jesus, quem se opõe a que os seres humanos possam viver de maneira digna, coloca-se fora e distante da graça de Deus e do perdão que ele concede”. *Ibid.*, p. 1229 (nota de rodapé).

³ REIMER, Ivoni R. Maria nos Evangelhos Sinóticos: uma história que continua sendo escrita. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 46, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 35-51.

⁴ BALANCIN, Euclides M. *Como ler o Evangelho de Marcos: quem é Jesus?* São Paulo: Paulinas, 1991, p. 62.

ouvir pressupõe o agir. “Guardar a Palavra” significa deixar que ela cresça, finque raízes, frutifique, contemplando a perseverança esperançosa na ética do compromisso com o Reino de Deus e sua justiça⁵.

1.2 “ESTE NÃO É O CARPINTEIRO, FILHO DE MARIA...?” (6,1-5)

No Evangelho de Marcos são frequentes os questionamentos a respeito da identidade de Jesus. “Quem é Jesus?” é a pergunta levantada pela comunidade de Marcos em busca da verdadeira resposta na época da redação deste Evangelho. A resposta virá através de Pedro diante da provocação de Jesus: “O que dizem vocês que eu sou?”. Pedro respondeu: “Tu és o Messias” (8,27-30). Antes disso, em Nazaré, foram os conterrâneos de Jesus que levantaram a pergunta relacionada aos ensinamentos de Jesus na sinagoga (6,1-5). Todos o conheciam muito bem, pois em Nazaré ele tinha sido criado. Admirados, disseram: “De onde lhe vem tudo isso? E que sabedoria é essa que lhe foi dada? E esses milagres realizados por suas mãos? Este não é o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, Joset, Judas e Simão? E suas irmãs não vivem aqui entre nós?” (6,2-3). A admiração, porém, é apenas momentânea. Conhecedores da origem humilde de Jesus, os que estão na sinagoga não conseguem admitir que pessoas comuns, não qualificadas pelas estâncias oficiais, tenham uma sabedoria superior a dos doutores. Por isso, “se escandalizavam por causa dele”.

Jesus é aqui identificado por sua origem materna⁶. Maria é citada juntamente com os nomes de quatro irmãos de Jesus. Os nomes de suas duas irmãs não aparecem no texto: revela a visão patriarcal da época. A respeito de José, esposo de Maria, nada é referido; provavelmente já falecera. Maria, viúva, estaria convivendo com o seu clã familiar, constituído por parentes próximos que, na linguagem comum da época, eram também chamados de irmãos e irmãs.

Este episódio da rejeição de Jesus em sua própria terra é contemplado também pelos Evangelhos de Mateus (13,53-58) e de Lucas (4,16-30). Este informa que, nesta ocasião, Jesus lê e comenta um trecho do profeta Isaías cujo conteúdo expressa o programa que vai assumir ao longo de seu ministério público: “Anunciar a Boa Notícia aos pobres, a libertação aos presos, a recuperação da vista aos cegos e a liberdade aos oprimidos” (Lc 4,18). Jesus também, nesta mesma ocasião, revela que está a serviço da vontade de Deus para além de sua pátria, exemplificando com a atuação dos profetas Elias e Eliseu enviados por Deus para fora das

⁵ REIMER, Ivoni R. *Maria nos Evangelhos Sinóticos*, p. 49.

⁶ “Apresentar filhas e filhos através da nomeação materna é totalmente incomum. Em Marcos, José não é mencionado nenhuma vez. Isto poderia estar apontando, no mínimo, para duas perspectivas aos olhos do povo: o termo ‘filho de Maria’ ou é utilizado polemicamente, como xingamento, ou para evocar o nascimento virginal de Jesus”. REIMER, Ivoni R. *Maria nos Evangelhos Sinóticos*, p. 43.

fronteiras de Israel. Esta declaração provoca a expulsão de Jesus. Ele, porém, “passando pelo meio deles, seguiu seu caminho” (4,30).

Este anúncio de Jesus foi feito exatamente no lugar social da “Galileia das nações” (Mt 4,15), cujos habitantes, em sua maioria, eram trabalhadores empobrecidos provindos de lugares diversos, taxados de impuros, vítimas da exploração do poder político-econômico e religioso. Nazaré era uma pequena vila, cuja população não passava de 500 habitantes. Deste local ninguém esperava alguma coisa que merecesse atenção especial. O Evangelho de João conta que Natanael, ao saber que Jesus era desta região, disse: “De Nazaré pode sair coisa boa?” (Jo 1,46). Portanto, ninguém podia imaginar que o Messias teria uma origem tão desprezível como era considerada Nazaré e, ainda mais, filho de um casal sem nenhum título de nobreza⁷.

2. MARIA NO EVANGELHO DE MATEUS

Este Evangelho, atribuído a Mateus, foi redigido pelo ano 85 junto às comunidades formadas predominantemente de judeus cristãos, espalhadas pelo sul da Síria, para onde muitos se deslocaram após a destruição de Jerusalém e do Templo, resultante da invasão do exército romano no ano 70⁸. O autor (ou autores) tomou por base o Evangelho de Marcos, acrescentando outras memórias da vida e obra de Jesus Cristo. O objetivo principal de Mateus foi oferecer aos cristãos e às cristãs de origem judaica a comprovação de que Jesus é verdadeiramente o Messias anunciado pelos profetas. Nele e por ele realiza-se a plenitude da justiça: a realização da promessa de Deus em favor da vida e salvação da humanidade. “Ele é a nova luz que brilha pra o povo que está nas sombras da opressão e da morte”⁹.

Maria aparece em várias passagens no bloco das narrativas da infância de Jesus (Mt 1-2) e em dois momentos no decorrer do seu ministério público: 12,46-50 e 13,53-58. O primeiro destes momentos refere-se à presença da mãe e dos irmãos de Jesus que o procuram para falar-lhe; o segundo diz respeito à hostilidade a Jesus manifestada pelos seus conterrâneos em Nazaré, quando são citados a sua mãe, Maria, e os seus irmãos e irmãs. Estas duas passagens foram praticamente copiadas do Evangelho de Marcos e já foram comentadas acima. Apresentamos abaixo o que é original de Mateus.

⁷ “Por que essa insistência de Mateus na região da Galileia? Embora a Galileia seja terra dos judeus, ela é considerada região estrangeira, porque sua população é constituída de judeus e gentios. Jesus dá uma atenção especial a este povo”. CNBB. *Ele está no meio de nós!* O semeador do Reino: O Evangelho de Mateus. São Paulo: Paulus, 1998, p. 44-45.

⁸ *Ibid.*, p. 23.

⁹ GALLAZZI, Sandro. *O Evangelho de Mateus: uma leitura a partir dos pequeninos*. São Paulo: Fonte editorial; Aparecida: Santuário, 2013, p. 32.

2.1 “DE MARIA NASCEU JESUS” (1,1-17)

O Evangelho de Mateus inicia apresentando a “origem de Jesus Cristo”. Nomeia os seus antepassados desde Abraão, culminando com a informação: “... Jacó foi o pai de José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo” (1,16). De maneira diferente de como eram oficialmente apresentadas as genealogias, na lista de Mateus aparecem cinco mulheres: Tamar, Raab, Rute, a mulher de Urias (Betsabeia) e Maria, a mãe de Jesus.

Todas eram excluídas. Acrescentando à genealogia essas mulheres, as comunidades de Mateus optaram por uma linha alternativa ao judaísmo oficial... Jesus é o Messias legítimo, mas de uma família marcada pela presença de excluídas. É o Messias na perspectiva dos pobres. Jesus ultrapassa o racismo e a Lei do puro e do impuro e assume a humanidade tal como ela é¹⁰.

Apesar da inclusão destes nomes femininos, percebe-se a influência da visão patriarcal, atribuindo somente aos homens a função de suscitar a descendência: “Abraão foi o pai de Isaac; Isaac foi o pai de Jacó”, assim por diante. As mulheres são citadas como auxiliares dos seus maridos na geração dos filhos. Porém – atenção a este aspecto -, quando chega ao nome de Maria muda-se a maneira de falar, rompendo com a visão patriarcal. É ela a protagonista principal na geração do filho (1,16). Este detalhe torna-se muito importante, pois evidencia uma nova mentalidade que as comunidades cristãs procuram cultivar e promover a partir da fé em Jesus, o filho de Deus encarnado¹¹.

O termo “origem” lembra o início do livro do Gênesis que descreve a origem da criação. A vinda de Jesus, filho de Maria sob a graça do Espírito Santo, inaugurou uma nova criação com novas relações humanas não mais baseadas num sistema piramidal, nem na ideologia do puro e do impuro que discriminava e excluía grande parte do povo.

O Evangelho de Lucas também apresenta a lista da genealogia de Jesus, porém em ordem contrária da que foi adotada por Mateus, iniciando com José e culminando com a confissão de que é filho de Deus (Lc 3,23-38). Nenhuma mulher é citada na genealogia de Lucas. Enquanto Mateus preocupa-se em provar aos judeus cristãos que Jesus é filho de Abraão e de Davi – assim esperava-se a vinda do Messias -, Lucas o apresenta não somente como

¹⁰ CNBB. *Ele está no meio de nós*, p. 35-36.

¹¹ “Junto com as demais mulheres “marginalizadas e discriminadas, que são protagonistas na história de Israel a partir da dinâmica contracultural, o destaque de Maria rompe com as estruturas patriarcais de dependência e submissão de mulheres à história definida e forjada por e a partir de homens”. REIMER, Ivoni R. *Maria nos Evangelhos Sinóticos*, p. 44.

pertencente ao povo de Israel, mas como “filho de Adão e filho de Deus”. Portanto, Jesus pertence a toda a humanidade. Ele não veio simplesmente responder aos anseios de um só povo e, sim, de todos os povos. É o “novo Adão” que vem inaugurar uma nova humanidade¹².

2.2 “O QUE FOI GERADO EM MARIA PROVÉM DO ESPÍRITO SANTO” (1,18-25)

A comunidade cristã de Mateus confessa a sua fé em Jesus como o *Emanuel* – Deus conosco – vindo ao mundo por obra do Espírito Santo com a jovem Maria, prometida em casamento a José. Jesus, portanto, é filho de Deus com mãe humana. Cumpre-se, assim, o que o profeta Isaías havia anunciado: “Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel” (Is 7,14).

A lei judaica condenava as mulheres que aparecessem grávidas antes do casamento. José, sendo homem justo, seguia as leis conforme se encontravam na Sagrada Escritura interpretada pelos rabinos. A gravidez de Maria, sua noiva, o deixou profundamente desconcertado e decidiu abandoná-la em segredo. Mateus, o autor do Evangelho, sendo judeu, conhece a importância dos anjos e dos sonhos na tradição de fé judaica: através deles Deus comunica-se com as pessoas e lhes revela a sua vontade. José mostra-se aberto à justiça divina que é bem diferente daquela ensinada pelos doutores da lei.

O encontro com o anjo faz com que José entenda qual é a verdadeira justiça que Deus quer: a defesa radical da vida, nas pessoas de uma mãe solteira e de uma criança em gestação. Enquanto Maria é o símbolo da humanidade que acolhe a graça de Deus, José é o símbolo do homem verdadeiramente justo, que coloca a vida acima da Lei¹³.

O Evangelho de Lucas também relata o nascimento de Jesus (2,1-7). Informa o momento histórico em que se dá este acontecimento: sob o governo do imperador Augusto, sendo Quirino o governador da Síria. A data provável é em torno do ano 6 (seis) antes de Cristo. Em vista de um recenseamento decretado pelo imperador César Augusto, o casal Maria e José deslocou-se para Belém, cidade onde nasceu Davi, de cuja descendência devia nascer o Messias. Ali Maria “deu à luz seu filho primogênito. Envolveu-o em panos e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na sala”. Os textos de Mateus e de Lucas completam-se mutuamente: ambos retratam a graciosa iniciativa de Deus de enviar ao mundo o Salvador da humanidade;

¹² “Lucas faz um avanço ao narrar a origem de Jesus. Para dizer que Jesus é o Messias universal, Lucas vincula Jesus a Adão, o arquétipo do ser humano”. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas: a antropologia da Salvação*. 3 ed. Porto Alegre: Livraria Plimque, 2013, p. 78.

¹³ CNBB. *Ele está no meio de nós*, p. 36.

isto acontece de modo simples, sem manifestações de extraordinário “poder” e, sim, através da acolhida dos pobres e pequeninos.

2.3 “VIRAM O MENINO COM MARIA, SUA MÃE E SE AJOELHARAM” (2,1-12)

Esta narrativa da visita dos magos do Oriente é própria de Mateus. Não se encontra em outro Evangelho. É uma história que revela o mistério de Jesus como o Messias vindo ao mundo para ser reconhecido e amado por todos os povos, representados pelos três magos. Eram chamados de “magos” os sábios, observadores e estudiosos dos astros e dos novos elementos que apareciam no universo. Conforme acreditava o povo do Oriente, o aparecimento de uma nova estrela indicava um sinal divino anunciando o nascimento de alguém que teria uma importância especial. Mateus, certamente, vê neste acontecimento a realização de um anúncio que se encontra no livro de Números: “De Jacó vem avançando uma estrela, de Israel se levanta um cetro...” (Nm 24,17).

O verdadeiro sentido da vinda de Jesus será compreendido plenamente após a sua morte e ressurreição. Ele é a Luz do mundo, quem o segue não andarás nas trevas. Esta convicção se torna fundamental especialmente nos momentos de dificuldades. As comunidades de Mateus, seguidoras de Jesus, passaram por diversas crises, causadas por perseguições tanto por parte do poder religioso judaico como por parte do império romano. Por isso, elas recordam que, desde o nascimento, Jesus trouxe alegria e esperança para os simples e pequeninos e constituiu-se em ameaça para os grandes e poderosos, como vai anunciar Maria em seu cântico do *Magnificat*, conforme veremos abaixo, no comentário ao Evangelho de Lucas.

Informado de que o Messias nasceria em Belém, o rei Herodes, apavorado, procurou cooptar os magos para manipulá-los em favor de seus próprios interesses. Eles, porém, seguindo a estrela chegaram ao local onde se encontrava o menino com sua mãe. Ajoelharam-se diante dele oferecendo-lhes presentes. Deste modo expressam o reconhecimento de que Jesus é o verdadeiro rei a quem se deve realmente ouvir e adorar.

O ambiente em que Jesus e Maria se encontravam não era de palácio, como o de Herodes, onde poucos privilegiados podiam entrar; era um local comum onde todas as pessoas podiam ter acesso. Após esta experiência de encontro com Jesus, os magos, ao invés de obedecer a Herodes que lhes pediu que retornassem ao palácio, “eles regressaram para a sua região por outro caminho” (2,12).

O evangelista projeta esta meditação em forma de relato dramatizado que contém já, em germe, tudo o que nos vai dizer ao longo do seu evangelho: Jesus é o herdeiro das promessas de Israel, mas também da esperança de todos

os povos da terra; é o Messias-rei e Filho de Deus, mas se revela na humilde fragilidade do menino, filho de Maria¹⁴.

Maria aparece estreitamente ligada ao seu filho, protegendo-o. Na tradição de fé das comunidades cristãs, ao longo da história da Igreja, Maria é acolhida e venerada como protetora e guia de todos os que desejam conhecer Jesus e adorá-lo. Ela não gerou Jesus para retê-lo de modo egoísta, mas para apresentá-lo ao mundo a fim de que todos possam ser salvos por Ele.

2.4 “PEGUE O MENINO E SUA MÃE E FUJA...” (2,13-22)

A narrativa da fuga para o Egito é também original do Evangelho de Mateus e está relacionada com o episódio anterior. Herodes, furioso pela ameaça que Jesus representava para sua *status* de poder opressor, decidiu matar todas as crianças de Belém com menos de dois anos, esperando assim eliminar o próprio Jesus. Mateus, intencionalmente, relaciona a atitude de Herodes com a do Faraó no Egito, por ocasião do nascimento de Moisés: mandou matar os meninos, pois representavam ameaça ao Estado (Ex 1,15-22). Aliás, todo o conjunto do relato está relacionado com o acontecimento do Êxodo. Jesus é o novo Moisés! Moisés foi salvo das garras do Faraó, através da ajuda de sua mãe, de sua irmã e da própria filha do Faraó; Jesus é salvo pela proteção oferecida por Maria, sua mãe, com o auxílio de José. Moisés tornou-se o grande líder do movimento de libertação da escravidão do povo de Israel; Jesus é o libertador de todo tipo de escravidão. Com Moisés o povo caminhou rumo à terra prometida e lá se organizou como povo de Deus; o povo que segue Jesus caminha para um novo mundo, construindo o Reino de Deus... Portanto, Jesus movimenta a história como um “novo êxodo”, rumo a um mundo sem opressão.

Mateus usou esses pormenores históricos com uma finalidade muito precisa. Ele quer mostrar que o novo povo de Deus irá passar pela etapa decisiva que foi a libertação da escravidão e da morte. Jesus, germe do novo povo de Deus, teve que ir para o Egito e depois sair de lá. O mesmo vai acontecer com todos os que com ele se comprometem¹⁵.

O Evangelho de Mateus cita continuamente passagens do Primeiro Testamento com a intenção de mostrar às comunidades cristãs que, em Jesus, cumprem-se o que diz a Sagrada Escritura. É na Palavra de Deus que os seguidores e seguidoras de Jesus devem alicerçar a sua fé, como fez Maria. Neste texto, em companhia de José, ela aparece, sobretudo, como defensora

¹⁴ BÍBLIA SAGRADA *Ave Maria*. Edição de estudos. São Paulo: Ave-Maria, 2011, p. 1514 (nota de rodapé).

¹⁵ STORNILO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Mateus: o caminho da justiça*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1991, p. 31.

da vida ameaçada. Atenta aos acontecimentos e ao que Deus lhe pede age concretamente enfrentando todas as dificuldades no cumprimento de sua missão de mãe e companheira. É esta atitude que vai marcar toda a sua vida, junto à sua família e o seu povo empobrecido, em Nazaré da Galileia. É a postura que ela vai manter junto a Jesus, do seu nascimento à sua morte na cruz.

3. MARIA NO EVANGELHO DE LUCAS

O Evangelho de Lucas foi escrito na mesma época do Evangelho de Mateus, por volta do ano 85, junto à comunidade cristã de Antioquia da Síria. A principal fonte em que se baseou o autor foi o Evangelho de Marcos, tendo escolhido os textos que lhe interessavam e acrescentado outras passagens tendo em vista o objetivo fundamental que é a universalidade da salvação pela qual Jesus entregou sua vida¹⁶. Maria é retratada como discípula verdadeira de Jesus. Há textos repetidos nos evangelhos de Marcos e de Mateus (já comentados acima): 2,1-7 que conta sobre o nascimento de Jesus; 3,23-38 sobre a genealogia de Jesus; 4,16-30 quando Jesus é hostilizado em sua terra e 8,19-21 referente à nova família de Jesus. Os textos abaixo sobre Maria são originais de Lucas. A maioria deles situa-se no bloco que trata da infância de João Batista e de Jesus (Lc 1-2). Retrata a fé das comunidades primitivas a respeito da missão de ambos dentro da história da salvação que Deus proporciona à humanidade.

3.1 “EIS A SERVA DO SENHOR” (1,26-38)

Este texto fala do anúncio do nascimento de Jesus, logo após o anúncio do nascimento de João Batista. Ambos os anúncios são feitos pelo anjo Gabriel, mensageiro da vontade divina. Há uma nítida diferença de acolhida da parte do sacerdote Zacarias, no templo em Jerusalém, e da parte de Maria, em Nazaré da Galileia. A diferença consiste na manifestação de fé diante da Palavra de Deus pronunciada pelo anjo¹⁷. A dúvida de Maria sobre como nasceria o filho prometido não corresponde à falta de fé e, sim, à condição em que se encontra: sem efetivamente estar casada. Como era costume na época, os pais de Maria e de José já haviam combinado que seus filhos se tornariam, em breve, marido e esposa, mas por enquanto cada um deveria viver em sua própria casa. O anjo lhe explica que será mãe pela ação do Espírito Santo e não pela intervenção humana. Ao contrário de Zacarias que duvidou da possibilidade de

¹⁶ “Jesus, segundo Lucas, é o Redentor universal que abre as portas do Reino de Deus tanto às mulheres como aos homens”. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas*, p. 26.

¹⁷ “Zacarias representa uma religião que vai de costas para seu destino, mais convicta de um tempo e de coisas que já passaram do que das coisas novas a serem construídas e de um porvir mais esperançoso”. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas*, p. 54.

intervenção divina, Maria de Nazaré, com a certeza de que nada é impossível para Deus, acolhe o desafio de ser a mãe de Jesus, o Filho de Deus¹⁸.

O anjo continua o diálogo informando que Isabel, parente de Maria, “também concebeu um filho na sua velhice. E este é o sexto mês daquela que era chamada estéril”. Portanto, independentemente da resistência de Zacarias, a promessa de Deus se realiza superando a lógica humana. Ao longo de toda a Sagrada Escritura, desde o relato da criação do mundo, podemos constatar inúmeras provas de que Deus é soberano, age com liberdade realizando seus desígnios em favor de seu povo. Ele os realiza especialmente a partir da periferia, com a colaboração dos pequenos e pobres que depositam nele total confiança, assim como expressa Maria: “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua Palavra”.

Este anúncio do nascimento de Jesus, do jeito que está construído, em paralelo com o de João Batista, tem uma importância muito grande para as comunidades cristãs no tempo de Lucas e também para todos os tempos. Cumpre-se o que está escrito no livro de Hebreus: “A Palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12). Sua Palavra é criadora, transforma a realidade proporcionando vida nova.

3.2 “BENDITA ÉS TU ENTRE AS MULHERES” (1,39-56)

Este texto conta a história da visita de Maria à sua prima Isabel. O Evangelho de Lucas tem uma constante que precisa ser observada com atenção por todas as pessoas que desejam seguir Jesus com inteireza: ressalta a presença e a ação de Deus na simplicidade do cotidiano das pessoas comuns. Geralmente a história oficial enfatiza as obras dos grandes e poderosos da terra. Não é assim no Evangelho de Lucas (nem nos demais Evangelhos). É o que constatamos neste encontro entre estas duas mulheres: Maria e Isabel.

Sabemos que no tempo de Jesus não se atribuía à mulher nenhum protagonismo de importância social, política ou religiosa. Sua importância consistia em servir ao marido, suscitando-lhe descendência e atendendo aos seus interesses. O autor do Evangelho de Lucas, em diálogo com as comunidades cristãs de sua época, manifesta um modo de pensar diferente do que era dominante na sociedade: Deus age na história humana através de mulheres e homens sem discriminação. Certamente Lucas reflete a partir dos ensinamentos e da prática de Jesus de

¹⁸ “As duas crenças fundamentais do cristianismo relativas a Maria – a maternidade divina e a concepção virginal de Jesus – são declaradas claramente nos evangelhos. A partir dessas crenças fundamentais, outras crenças desenvolveram-se ou foram encontradas na fé tradicional e no culto da Igreja” (MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 586).

Nazaré. Como discípulo missionário de Jesus deve ter testemunhado o protagonismo de inúmeras lideranças femininas no seio das comunidades cristãs. Percebe-se esta feliz situação ao longo de toda a sua obra: Evangelho e Atos dos Apóstolos.

As palavras de Maria e Isabel, bem como o serviço mútuo naqueles três meses em que estiveram juntas até o nascimento de João Batista, refletem o modo de ser e de agir de muitas mulheres no movimento de Jesus. Lucas, inclusive, informa que os apóstolos não eram os únicos que seguiam a Jesus, percorrendo cidades e povoados: “Os Doze iam com ele, e também algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos maus e de doenças: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes; Suzana e muitas outras, que serviam a Jesus com os bens que possuíam” (Lc 8,1-3).

Isabel saudou Maria como “bem-aventurada porque acreditou”, motivo pelo qual fez a mãe de Jesus cantar o *Magnificat* inspirada principalmente no cântico de Ana, Mãe de Samuel (1Sm 2,1-10). Ela expressa, com alegria e gratidão, a grandiosidade do agir de Deus, de geração em geração, derrubando do trono os poderosos e elevando os humildes.

Na pessoa de todos os pobres que esperam a salvação, Maria reconhece e se alegra com a grandeza de Deus. Por que? Porque viu a humilhação do seu povo pobre, e veio libertá-lo aos olhos de todos. Com efeito, a maior glória e testemunho da santidade e da misericórdia de Deus é ele se aliar e assumir a situação dos pobres, a fim de libertá-los, dando eficácia à luta deles”¹⁹.

Em todos os tempos Deus intervém na história, recriando a justiça e promovendo a fraternidade no mundo. É o que sintetiza a missão que Jesus assumiu em seu ministério público; é também o que os seus seguidores e seguidoras assumiram após sua morte e ressurreição.

3.3 “MARIA GUARDAVA ESTAS COISAS EM SEU CORAÇÃO” (2,8-20)

Mateus e Lucas narram o nascimento de Jesus em Belém como foi comentado acima. Nesta ocasião, segundo Mateus, os magos do Oriente visitaram a Jesus oferecendo-lhes presentes. Eles representam os povos que reconhecem Jesus como o Messias prometido, o Salvador do mundo. Lucas não conta esta história dos magos, mas conta a respeito da visão que tiveram os pastores que estavam nos campos montando guarda ao rebanho. De fato, nos arredores de Belém existem várias grutas naturais onde se abrigavam os pastores com suas ovelhas; muitos deles moravam nestas grutas. O Anjo do Senhor lhes anuncia “uma grande alegria que será para todo o povo: ‘Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor...’”

¹⁹ STORNILO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Mateus*, p. 22.

(2,10-11). E uma multidão do exército celeste juntou-se ao Anjo, louvando a Deus nas alturas e proclamando a paz na terra.

Os pastores, então, dirigiram-se apressados para Belém “e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura” (2,16). Os pastores eram considerados pertencentes à categoria social mais baixa. No entanto, Lucas os contempla como privilegiados do anúncio da encarnação do Filho de Deus. Através de seu testemunho partilhado, contando o que lhes aconteceu nos campos, é que todos que os ouviam ficavam maravilhados.

Lucas pretende demonstrar que Jesus, desde o seu nascimento, está muito próximo dos pobres e marginalizados²⁰. Deus se manifesta dentro da própria situação em que vive esta gente; por serem pessoas de fé reconhecem que Jesus é o Messias, Senhor e Salvador do mundo. Os títulos “Senhor” e “Salvador” (e outros títulos que demonstravam poder e domínio) eram dados ao imperador. As comunidades cristãs, porém, tinham consciência de que o poder e a salvação pertencem a Jesus Cristo.

“Maria, por sua vez, guardava todas estas coisas em seu coração” (2,19). Ela vai crescendo na compreensão do mistério de Jesus Cristo observando os acontecimentos, descobrindo o sentido por trás dos fatos, ouvindo as pessoas e refletindo sobre todas as coisas à luz da Palavra de Deus. Este processo se dá também na vida dos discípulos e discípulas de Jesus naquele tempo e também hoje.

3.4 “UMA ESPADA VAI ATRAVESSAR A SUA ALMA” (2,21-40)

O texto fala da circuncisão de Jesus e da profecia de Simeão. Também este texto é próprio de Lucas. Mais uma vez Jesus é apresentado como um ser humano que, junto com seus pais, cumpre as leis como faziam todos os judeus. Algumas cerimônias relacionadas ao nascimento de um menino deviam ser cumpridas: a circuncisão no oitavo dia, momento em que era oficializado o nome da criança. Pela circuncisão o menino é identificado como pertencente ao povo de Israel. Também havia os ritos da purificação da mãe e o resgate do primogênito, consagrando-o ao Senhor (Ex 13,2). Pela purificação, o casal devia oferecer, se fosse pobre, duas rolas ou dois pombinhos (Lv 12,8): foi esta a oferta de Maria e José.

Lucas não menciona a oferta que devia ser feita pela consagração do menino ao Senhor Deus que seria de cinquenta gramas de prata, conforme indica o livro de Números (18,15-16).

²⁰ “O ambiente em que Jesus nasce (gruta, animais, ambiente rústico) indica a psicologia do comportamento na sua missão... A opção preferencial pelos pobres vem desde os preparativos de seu nascimento: Jesus nasce fora de casa; nasce como os que não têm casa; é acolhido por aqueles que estão na mesma situação dele”. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas*, p. 67.

Podemos supor que Lucas se posiciona contra o sistema de centralização no templo que se mantém às custas da exploração do povo. Além disso, a consagração de Jesus se dá pela oferta de sua própria vida ao longo de todo o seu tempo histórico e não pela oferta de dinheiro ou de produtos. É uma indicação importante para as comunidades cristãs.

Simeão e Ana representam todas as pessoas justas que esperavam, com fé e confiança, o cumprimento das promessas de Deus anunciadas pelos profetas. São pessoas sábias, conduzidas pelo Espírito Santo, capazes de perceber e de acolher a gratuidade do amor de Deus à humanidade. A referência à idade avançada de ambos diz respeito ao fim de uma era: a vinda do Messias inaugura um novo tempo! É o tempo de salvação não só para Israel, mas para todos os povos²¹.

Maria e José “estavam admirados das coisas que diziam a respeito do menino”. Simeão os abençoa e dirige-se a Maria preparando-a para o que irá enfrentar decorrente da missão do seu filho Jesus: “Ele será um sinal de contradição. Quanto a você, uma espada vai atravessar a sua alma. E assim serão revelados os pensamentos de muitos corações” (2,35). Lucas, quando escreve este Evangelho, está bem informado dos sofrimentos pelos quais passou Maria ao longo de sua vida²².

O texto termina dizendo que “eles voltaram à Galileia, para sua cidade de Nazaré. E o menino crescia e ficava forte, cheio de sabedoria. E a graça de Deus estava com ele” (2,39-40). Fortaleza e sabedoria são dons do Espírito Santo que, sem dúvida, Maria e José foram agraciados como cuidadores do Filho de Deus. A adesão de Maria à vontade de Deus não a isentou das situações de crises e dores que a fizeram amadurecer sempre mais na fé, na esperança e no amor.

3.5 “ELA GUARDAVA TUDO EM SEU CORAÇÃO” (2,41-52)

O chamado “Evangelho da infância” termina com o episódio de Jesus aos doze anos, “no Templo, sentado em meio aos doutores, escutando-os e fazendo-lhes perguntas” (2,46). Aí está ele após participar, com seus pais, da festa da Páscoa. Participar anualmente desta festa era um preceito entre os judeus. Ao invés de voltar para sua casa, Jesus permanece em Jerusalém sem que Maria e José tivessem notado, pois supunham que estivesse com a caravana. As viagens para Jerusalém eram organizadas em caravanas formadas por vizinhos e parentes, tendo laços

²¹ “Simeão e Ana são os ‘pobres de Javé’ que encerravam o tempo do Antigo Testamento na espera do Messias que traria o Reino de Deus”. STORNILO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Mateus*, p. 30.

²² Lucas, ao iniciar seu Evangelho, informa que sua narrativa está baseada “numa cuidadosa investigação de todas as coisas desde o princípio” (1,3). Portanto, é bem provável que ele tenha conversado pessoalmente com Maria.

de amizade e confiança entre eles a tal ponto de as crianças se integrarem com normalidade no grupo sem que os pais se preocupassem.

Dando pela sua falta, Maria e José, angustiados, foram à sua procura. Depois de três dias o encontraram no Templo entre os doutores, ensinando e aprendendo. A referência aos “três dias” (2,46) lembra a morte e ressurreição de Jesus. A procura ansiosa dos pais até encontrá-lo é o processo pelo qual também os discípulos e discípulas passaram na busca da verdadeira compreensão do mistério de Jesus Cristo, plenamente revelado através de sua morte e de sua ressurreição.

A compreensão a respeito da pessoa e da obra de Jesus – Filho de Deus e filho da humanidade – se faz pouco a pouco, guardando todas as coisas no coração e meditando-as²³. Podemos imaginar o empenho cotidiano de Maria em viver como “serva do Senhor” (1,38), no cuidado materno dedicado a Jesus que “crescia em sabedoria, tamanho e graça, diante de Deus e das pessoas” (2,52), até à sua maturidade quando se lançou em seu ministério público, fazendo a vontade do Pai pela salvação do mundo, fiel até o fim, quando entregou-se ao Pai, gritando: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46).

CONCLUSÃO

Num dos momentos de seu ministério público, enquanto Jesus ensinava, uma mulher reconheceu que aquele jeito sábio de ser e de agir deveria ter a influência de uma mãe especial. Levantando a voz no meio da multidão, ela disse: “Feliz o ventre que te carregou e os seios que te amamentaram!” Jesus não negou nem corrigiu o que ela afirmou. Aproveitou a declaração de louvor que a mulher estava prestando à sua mãe para ampliar aquela bem-aventurança a todas as pessoas que se conduzem na vida como ela fez: “Felizes, antes, os que ouvem a Palavra de Deus e a praticam” (Lc 11,27-28). Aliás, antes desta cena, Jesus já havia declarado que aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática fazem parte de sua família (Lc 8,21).

Ouvir e praticar a Palavra de Deus é, sem dúvida, a mais importante lição que podemos extrair da vida de Maria, a Mãe de Jesus. Neste sentido, é venerada como modelo de discipulado do próprio Filho, a Palavra que se fez carne. Como discípula de Jesus une-se à comunidade cristã organizada após sua morte e ressurreição. Lucas que, além do Evangelho, escreveu também o livro de Atos dos Apóstolos, informa que as pessoas participantes da comunidade

²³ “Maria guardava tudo isto em seu coração; um dia entenderá... por enquanto, fica uma primeira pincelada do modelo de discípulo dócil à Palavra que Lucas quer delinear a partir da figura de Maria”. *BÍBLIA SAGRADA Ave Maria*, p. 1625 (nota de rodapé).

“tinham os mesmos sentimentos e perseveravam em oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele” (At 1,14).

A prática da Palavra de Deus desdobra-se em opções e atitudes que abrem caminho para um novo mundo alicerçado no amor mútuo, tendo como opção fundamental os pobres e marginalizados: é o que enfatizam os Evangelhos. E o papa Francisco ratifica com insistência sobre a necessidade de sermos uma Igreja pobre, com e para os pobres. Maria é apresentada como uma mulher pobre e despojada, moradora de Nazaré da Galileia, uma terra desprezada. Percebe-se nitidamente esta condição de pobreza na descrição do nascimento de Jesus num lugar com mínimos recursos; também na oferta feita por seus pais por ocasião da circuncisão de Jesus... Para além da pobreza material está a atitude de abertura e acolhimento da vontade de Deus, com a inteireza do seu ser.

Maria nos ensina também que pobreza e despojamento não correspondem ao conformismo com a situação sociopolítica-religiosa dominante. O cântico do *Magnificat* indica um compromisso, implicado na fé em Deus, de empenhar-se pela mudança de estruturas causadoras dos males sociais. Deus, cheio de misericórdia, volta-se, sobretudo, para as pessoas em situação de necessidades e nos lança, com sua graça, na tarefa de construção de novas relações entre pessoas, entre povos e com o planeta em que habitamos.

Como constatamos ao longo destas reflexões baseadas nos textos evangélicos, Maria de Nazaré torna-se Boa Notícia para o nosso tempo. Ela representa o ser humano que se deixa conduzir pelo Espírito Santo, com total abertura aos sinais dos tempos, sempre perscrutando os desígnios de Deus que se manifestam no interior dos acontecimentos. Impelidos pela vida exemplar de Maria e contando com sua intercessão, seguimos os passos de Jesus com a disposição de dar a vida pela mesma causa que ele entregou a sua. Deus continua agindo na história através de cada mulher e de cada homem que, com palavras e ações, anunciam a Jesus Cristo ao mundo tornando-o conhecido e amado.

O Papa Francisco, na conclusão da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual –, convoca-nos a colaborar na missão evangelizadora da Igreja indicando o modelo a ser seguido: “Maria é a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai ‘às pressas’ (Lc 1,39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz dela um modelo eclesial para a evangelização” (EG 288). Vida cristã, portanto, corresponde ao ouvir e praticar a Palavra de Deus, misturar-se com o povo, solidarizar-se com suas dores e alegrias e fazer o bem de modo incondicional.

Exultemos de alegria no Senhor porque são muitas as pessoas que vivem e agem à moda mariana, dispendo de seu tempo, de seus dons e de seus bens para servir a Deus cotidianamente, com ternura e perseverança, no compromisso de defender e promover a vida digna sem exclusão.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA *Ave Maria*. Edição de estudos. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984.

BALANCIN, Euclides M. *Como ler o Evangelho de Marcos: quem é Jesus?* São Paulo: Paulinas, 1991.

CNBB. *Ele está no meio de nós! O semeador do Reino: O Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulus, 1998.

GALLAZZI, Sandro. *O Evangelho de Mateus: uma leitura a partir dos pequeninos*. São Paulo: Fonte editorial; Aparecida: Santuário, 2013.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas: a antropologia da Salvação*. 3 ed. Porto Alegre: Livraria Plimque, 2013.

REIMER, Ivoni R. Maria nos Evangelhos Sinóticos: uma história que continua sendo escrita. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 46, Petrópolis, Vozes, 2003.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Como ler o Evangelho de Mateus: o caminho da justiça*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

Recebido em: março de 2024.

Parecer em: abril de 2024.

Publicado em: maio de 2024.